TNSJ
TEATRO
NACIONAL
SÃO JOÃO
PORTO

“Um sujeito ausente, uma lembrança”

Joana Providência

Rumor parte do universo de Christian Boltanski e dos temas e questões que, na sua obra, são matéria de trabalho, como a morte, a ausência, a pequena memória e a pequena história de cada um, enquanto reflexo de um determinado contexto histórico, social e político.

Na obra de Boltanski há sempre muitos nomes próprios, muitos batimentos cardíacos, grande número de mortos, séries de fotografias e inventários de objetos. Estes dispositivos remetem-nos para a vida de inúmeras pessoas, mas, sobretudo, evocam um sujeito ausente, uma lembrança, e, ao fazê-lo, trazem o desaparecimento e a perda da individualidade na sua relação com o número e o contexto político.

Como matéria de trabalho, enraizámo-nos principalmente em dois temas. O primeiro, os presos políticos da ditadura salazarista, de que nos aproximámos através de depoimentos e recolhas de dados, que foram materializados numa série de improvisações. O segundo tema nasce da pequena história, da pequena memória, onde, através de pequenos fragmentos biográficos, nos focámos na importância do detalhe e do insignificante. Fomos movidos, em ambos os casos, pela questão da humanidade.

“Os que morreram, que partem, não partem, não morrem”

João da Providência

Querida prima Amélia,
Querida prima, a sua boa carta tão cheia de tristeza, parecendo escrita com as lágrimas que pelo seu irmão chorou. Chorei consigo, chorei a sua grande dor juntamente com a minha dor tão grande. E agora com a nossa dor diminuída por a sentirmos mutuamente partilhada, deixe que lhe diga que fomos muito injustos, os que morreram, que partem, não partem, não morrem. Continuam uma vida que esta interrompe.

Nunca lhe aconteceu uma andorinha, uma avezinha qualquer, vir de fora, do ar, do infinito e atravessar-lhe a sala, dando nela umas voltas e depois sair pelo lado oposto, por outra janela, voltando ao ar, à luz, ao sol, ao infinito? Assim nos acontece. Viemos do infinito e para o infinito voltamos. Viemos do seio de Deus e para o seio de Deus voltamos, depois de mais ou menos rodeios no estreito quarto desta vida. Que importa que o quarto seja maior ou menor? Que nele demos mais ou menos voltas? Por melhor que ele seja, por mais bonito, por mais rico que o quarto seja, é um nada em comparação com o infinito de onde vimos e para onde vamos – com o infinito que o cerca.

Excerto de carta (1919)

Inventário para uma multidão

Raquel S.

R. não telefona à mãe há mais de um ano.
Ninguém no trabalho de A. sabe que ele faz danças de salão.
Y. não sabe estar sozinha.
D. nunca soube guardar um segredo.
S. ia todos os dias para o fundo do quintal olhar para a fotografia do marido.
L. não tem alternativa.
F. perdeu o anel de noivado da mãe.
M. escolhia o dia e a hora para ser internada na clínica.
Z. espera uma carta que não vai chegar.
D. espera um telefonema que não quer atender.
J. nunca quer ir para casa.
N. está sentado no teatro a pensar noutra coisa.
E. foi à polícia por não ter com quem falar.
P. morreu.
O. coleciona sapatos de bebés dos outros.
Nunca pediram desculpa a J.
P. esqueceu-se de todos os que a ajudaram.
S. ouve um zumbido todos os minutos do dia.
Z. esqueceu-se da cara da mãe.
I. lembra-se de abrir os olhos logo depois de nascer.
O pai de M. chamava-se Oceano Atlântico porque nasceu a bordo de um barco.
E. guarda numa gaveta uma flor de seda que não foi o marido que lhe deu.
F. vendeu um cavalo para pagar o nascimento do filho.
N. saiu de casa com um saco de plástico na mão e nunca mais ninguém a viu.
T. soltou as tranças porque uma mulher lhe queria tocar no cabelo antes de morrer.
K. fecha os olhos para respirar melhor.
J. não sabe nada acerca da pessoa ao seu lado.
N. quer dizer alguma coisa.
I. sente a mesma coisa que os outros.

Fazes-me falta

Claudia Galhós*

Aproximamo-nos da dança de Joana Providência como quem escuta uma confidência que, evocando a ausência e a perda, apresentando a ferida e a dor, nos diz da fundamental importância de cada um na vida de todos. *Rumor* vai à noite da história, feita de morte, e suspende o gesto para celebrarmos todos os que por aqui passam, por este lugar onde – acredita – é possível estar-se plenamente vivo, inspirada na obra do artista plástico Christian Boltanski.

A evocação da ausência como permanente celebração de vida, celebração de potência, de possibilidade. A ausência preenche e faz-se poesia, porque se torna presente nesse constante fazer-se, que assim, sentindo-se como perda, é acto, verbo, um desaparecer que no imediato instante em que desaparece se faz sentir ainda mais presente. E assim sucessivamente. Experiência de morte e vida a cada gesto, a cada queda, a cada recolhimento. *Rumor*, nova criação de Joana Providência, inspirada no imaginário do artista Christian Boltanski, convoca a multiplicidade, de vidas, do desdobramento de cada um em múltiplos, do olhar para o outro, do sentir o outro em si, de sentir-se como outro, e assim, sempre diferentemente, ser-se atravessado por muitos, que a cada olhar cruzado propõem a vertigem de cada um perante o seu próprio reflexo.

Vem de longe a procura pela autenticidade em Joana Providência. Nasce-lhe naturalmente do despudor da sinceridade. Há um fulgor que permanece mas num tom distinto. Se regressarmos a esse gesto iniciático que foi *Mecanismos* (1989), encontramos uma raiz: uma estrutura de movimento interrompido, cortado, que desenhava diferentes viagens, nos corpos e a partir dos corpos dos intérpretes, atravessados por uma visão mais ampla, do grupo, que implicava o olhar exterior da coreógrafa. Surge aí uma ideia de dança que passa, hoje de modo diverso, pelo elogio do intérprete, ou seja, pelo encontro com o outro por via de um acto criador, artístico, dialogante, que, nesse encontro, vai mais fundo no confronto consigo mesmo. Neste *Rumor*, confundem-se as histórias próprias com as histórias dos outros, com a grande história e com tantas outras, que podem até ser histórias de quem está na plateia a assistir. Nesse sentido, são sempre histórias partilhadas, mesmo que não saibamos que o são e mesmo que os tempos andem mesmo desvairados com o fragmento pós-moderno. Joana também partilhou algumas das suas histórias, as quais levou para a criação. Conhecê-las é apenas espreitar um bocadinho mais dentro de quem ela é, não aprisiona a peça a um significado único. Por isso, talvez importe apenas deixar algumas das frases evocadas, que podem conter (ou não) um pouco da história de Joana. "F. vendeu um cavalo para pagar o nascimento do filho. / M. escolhia o dia e a hora para ser internada na clínica. / C. roubava as esmolas do santuário como quem pede um empréstimo a Deus. / M. atava um saco do lixo a uma árvore com um fio invisível."

Nestas histórias, mas também por via de outros elementos menos evidentes, está certamente muito de quem Joana é. E está muito de quem é cada um dos intérpretes. E está muito de cada um de nós.

Em *Mecanismos*, os intérpretes eram veículo de comunicação do impulso do coreógrafo, neste caso, da coreógrafa. "Eles eram o canal, e associei com 'anunciação', 'aparição' e 'anjo'. Nesse sentido, os bailarinos eram anjos que permitiam concretizar uma ideia que tinha um coreógrafo." A escala mínima, repetitiva, acumulativa, ia emergindo na partitura de movimentos, que progredia no desdobramento de possibilidades de significado, conforme ia sendo executada. Agora, quase trinta anos depois, a escala rompe mas para dentro, nos pensamentos e sentidos profundos que geram o movimento. A direcção é diferente: não impõe uma acção, da qual depois se pode extrapolar um sentido, mas antes parte de um sentir (que pode ser muitas coisas) que gera um gesto, uma imagem, uma expressão, um comportamento… A consciência dessa viragem começa a ser desenhada logo a seguir, com *In Tensões* (1989). Logo aí o formalismo se confronta com uma poesia interrogadora. "O que leva um intérprete a executar determinado movimento? De que

forma esse impulso interior afecta e age sobre esse movimento que emerge?" Estas são algumas das questões que coloca hoje, mas que vêm de trás.

O que faz então um homem só, praticamente desnudo, em (des)equilíbrio nas pernas traseiras de uma cadeira, com uma caixa nas mãos (João Vladimiro), no início de *Rumor*? O metrónomo arranca-nos para uma realidade, que é a do tempo vivo daquele corpo, que se agarra a algo que guarda algo. Esse tempo é o do cruzamento, é o do tempo que passa, é o do que passou também, é o do múltiplo que coexiste em cada pessoa. É o confronto, o conflito, entre esses tempos distintos que desde logo se instalam, entre o corpo, despojado, que respira, que se balança, sempre no limite da queda, e o arquivo, o que guarda aquela caixa. Passado inscrito num presente. Um corpo e um ser e estar que é vários, no prenúncio dos muitos que a seguir se desdobram e irrompem em cena.

Vislumbrámos o corpo, o apego das mãos a algo que não quer largar, e nessa redução do sentir somos transportados para uma viagem que, na peça a seis intérpretes (António Júlio, Liliana Garcia, João Vladimiro, Maria do Céu Ribeiro, Liliana Oliveira e Magda Almeida), oferece a escala da intimidade – é nessa escala que Joana opera a poesia. No descomprometimento da sinceridade, as palavras também têm significado. Quando Joana fala das estruturas dos caminhos que cada intérprete percorre nas suas peças, distintos do seu, que também ali se desenha, que a implica numa visão simultaneamente pessoal e global de trajectos, dá como exemplo segredos que disseram ao ouvido, como foi o caso na criação de *Mão na Boca* (2004), a partir de Paula Rego. Desde cedo que é importante para Joana ter intérpretes provenientes de diferentes idiomas artísticos, do teatro e da dança, e articular a abertura a novas colaborações com cumplicidades que vêm de longe, como a que a liga a António Júlio.

"Um aspecto que se sente na obra do Boltanski é a importância de cada um, na sua singularidade, da diferença específica relativamente ao outro, na diferenciação no número, entre o um e o todo, e a convicção de que fazemos parte do mesmo, o que nos coloca para além da distinção entre assassinos, ladrões… porque partilhamos algo que todos temos em comum: somos todos humanos. Essa relação está lá sempre. E o olhar no grupo é sempre entre esse encontrar cada um e sermos todos um. Aí há verdade, porque somos todos um grupo de verdade."

Há muito que anda a falar que isto de viver é um privilégio, que importa cuidar, sempre espreitando o vazio, a inutilidade e a morte. E a arte, as artes visuais em particular, têm participado dessa visão crente nessa potência. *Mão na Boca*, uma encomenda de Serralves, afirma um caminho que já se insinuava. A partir daí parece – mas parece apenas – que a dança e o pensamento para a imaginação sensível do corpo em cena se fazem intermediados pelo universo artístico de outro, com destaque para os artistas visuais. Mas, na verdade, apenas assinala essa qualidade dialogante com uma pesquisa que se faz na vida quotidiana, na convivência em estúdio, na convocação da arte, entendida como a persistência de querer tocar um sublime, traduzido em despojamento e simplicidade, enfatizando a importância de estar ligado, a crença inabalável no outro. Nesse sentido, é sagrada, mesmo se os intérpretes já não são somente anjos, porque participam e implicam-se também na criação, diversamente de como Joana os pensou em *Mecanismos*.

De algum modo, as suas últimas criações são fortemente políticas e poéticas, diferentemente. Basta pensarmos em *Território* (2014), *Inquietações* (2016) e *Vestígio* (2017). Em *Rumor*, o equívoco entre os dois adensa-se, tanto quanto as propostas de caminhos e viagens que abre, que foram sendo registados na escrita, que passam pelo imaginário de Christian Boltanski, que, inspirados por Boltanski, passam pela memória de vida de infância dos intérpretes e de Joana, que passam pela memória dos presos políticos portugueses, que passam pela Ditadura e a resistência, que passam pelo Holocausto… E vagueando por entre esta complexidade, das grandes e pequenas histórias recentes, fala ao ouvido de cada um que está na plateia, e dá a mão, com ternura e alento, aos desconhecidos. E assim, com cuidado e atenção, diz-nos de como o tempo anda confuso e o passado nem sempre ficou lá atrás. "Com Boltanski, temos o Holocausto e lembramo-nos de ditaduras. Inevitavelmente, sentes que estas coisas que pensávamos que nunca iriam acontecer novamente podem repetir-se. Temos no *Rumor* uma parte em que nos inspiramos nas histórias dos presos políticos da ditadura de Salazar porque, no contexto em que estamos hoje, às vezes mete-me medo como é possível determinadas pessoas chegarem ao poder e governarem países e Estados com um comportamento quase infantil. Como o Trump…"

E o político é pessoal e inversamente. Por isso, e também – se quisermos – porque Boltanski tem uma vertente artística fundada na autobiografia, os intérpretes e Joana partilharam histórias de vida. "Cada um fez uma espécie de vitrines, inspirados nas 'Vitrines' do Boltanski. Eu trouxe uma carta do meu avô João, que o meu pai me leu há muito tempo, sobre a morte. O meu avô tinha escrito à sua prima Amélia numa altura em que ela tinha perdido o irmão e em que o pai dele tinha morrido."

São os ecos de muitas vidas que irrompem em cena quando se aproxima o final da peça. São quase sessenta as pessoas em palco, juntamente com os intérpretes. É com essa naturalidade também, porque abarca uma concepção espácio-temporal ampla, que os sentidos dos movimentos se fazem, como que tentando rasgar a verticalidade, parecem romper o chão, vir das entranhas, e subir ao céu, passar para além dos limites do espaço fechado onde todos se encontram. E o mesmo no sentido inverso, de cima para baixo. E no fluxo entre diferentes escalas e derivações do horizontal e vertical, os corpos são habitados, pensam e sentem, recolhem-se e quebram-se. Por isso, também as quedas não são figuras de estilo.

"A queda varia numa série de sensações. Desequilíbrio, fragilidade, dor, querer agarrar-se à vida, querer suspender o momento para não morrer… São quedas rápidas, são quedas que gritam antes de morrer, são quedas tranquilas de quem se deixa morrer… Há toda uma secção em que vamos viajando por uma paleta enorme de sensações e de origens diferentes daquelas quedas." O corpo por vezes é evocado como sendo exterior. É peça de roupa inanimada. Às vezes, é um trapo oco, não traz ninguém dentro. Esse vazio pode ser, novamente, evocação da falta que fazemos uns aos outros, e a anunciação dessa falta pode ser um derradeiro gesto de sublimação do amor. Nesse sentido, também *Rumor* é sagrado. Talvez mesmo religioso.

* Jornalista e escritora.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

Teatro do Bolhão

O Teatro do Bolhão, formado em 2002, é uma companhia sedeada no Palácio do Bolhão, com direção artística de António Capelo, Glória Cheio, João Paulo Costa, Joana Providência, Pedro Aparício e António Júlio. Tem uma relação sinergética com a ACE Escola de Artes, integrando os jovens profissionais formados numa equipa de trabalho em constante renovação.

Desde a sua estreia em 2003, o Teatro do Bolhão leva à cena dramaturgias clássicas (como *Édipo,* 2012), contemporâneas (como *A Vida de Galileu,* 2016) e textos inéditos (como *Eu Serei Shakespeare*, 2016), bem como os espetáculos pluridisciplinares de Joana Providência (como *Vestígio*, 2017), alguns dos quais abrangem também o público infantil (como *Poemas de Pé para a Mão*, 2016).

Dinamiza ainda um Serviço Educativo que promove uma relação contínua e orgânica com a região em que se insere, através de *workshops*, cursos livres e da iniciativa Teatro Portátil.

ficha técnica TNSJ
produção executiva **Mónica Rocha**
direção de palco **Emanuel Pina**
adjunto do diretor de palco **Filipe Silva**
direção de cena
Pedro Guimarães, **Ana Fernandes**
luz **Filipe Pinheiro** (coordenação),
Adão Gonçalves, Alexandre Vieira, José Rodrigues, Nuno Gonçalves, Rui M. Simão
maquinaria **Filipe Silva** (coordenação),
Adélio Pêra, António Quaresma, Carlos Barbosa, Joaquim Marques, Jorge Silva, Lídio Pontes, Paulo Ferreira
som **Joel Azevedo**

apoios TNSJ

apoios à divulgação

agradecimentos TNSJ
Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

ficha técnica *Rumor*
direção técnica **Cárin Geada**
direção de cena **Armanda Andrade**
maquinaria **António Quaresma**
operação de som **João Monteiro**
operação de luz **Luís Ribeiro**
execução de figurinos
Maria da Glória Costa
produção executiva **Rosa Bessa**

agradecimentos Teatro do Bolhão
Ana Aranha, Ana Bigotte Vieira, Ana Vieira (Museu do Aljube), António Pestana, Aurora Rodrigues, Emília Santarém, Erva Daninha, Fábio Ferreira, Joana Craveiro, Odete Viola (Museu do Aljube), Ricardo Maia, Sónia Pinto Basto, Teresa Dias Coelho, TUP, Zeferino Mota

Teatro do Bolhão
Rua Formosa, n.º 342/346
4000-249 Porto
22 208 90 07 · 91 793 90 20

Teatro Nacional São João
Praça da Batalha
4000-102 Porto
T 351 22 340 19 00

www.tnsj.pt · geral@tnsj.pt

edição
Departamento de Edições do TNSJ
coordenação
Fátima Castro Silva, **Ana Almeida**
fotografia **Pedro Figueiredo**
design gráfico **Dobra**
impressão **Multitema**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

Rumor

direção
Joana Providência

apoio dramatúrgico
Raquel S.
música
Pedro "Peixe" Cardoso
espaço cénico e vídeo
Cristóvão Neto
assistência de cenografia
e adereços
Filipe Mendes
figurinos
Lola Sousa
desenho de luz
Cárin Geada
som
Pedro "Peixe" Cardoso
João Monteiro
textos
João da Providência (1893-1965)
Raquel S.
direção de produção
Glória Cheio

interpretação e cocriação
António Júlio
João Vladimiro
Liliana Garcia
Maria do Céu Ribeiro;
Liliana Oliveira
Magda Almeida
(estagiárias)

participação especial
Antónia Herbert, Antonieta Fidalgo, Beatriz Carvalho, Beatriz Nogueira, Bernardo Alves, Betty Charrua, Bruna Costa, Catarina Pitrez, Cristiano Maranho, Daniela Silva, Dany Duarte, Eduarda I. Bernardo, Fátima Costa, Filipa Viana, Francisca Marques, Iara Marques, Inês Drumond, Íris Caravela, Ivo Arroja, Judite Soares, Jó Gabriel Costa, Leonor Reis, Luana Magalhães, Mafalda Garcia, Marco Ferreira, Margarida Badior, Maria Emília Duarte, Maria Miguel, Maria Oliveira, Maria Teresa Mota, Mariana Ferraz, Mariana Macedo, Mariana Rodrigues de Sousa, Marta Coutinho, Marta Rosas, Matilde Cancelliere, Matilde Ferreira, Matilde Pereira, Matilde Teixeira, Miguel Mota, Nídia Fonseca, Odete Boaventura, Odete Rute, Odin Vieira Estevam, Ricardo Pinheiro, Rita Couto, Rita Eustáquio, Rita Pinto, Rodrigo Ferronha, Rodrigo Lopes, Rosa Lima, Sebastião Maia, Sónia Varandas, Teresa Cruz, Tomás Cerejo, Vanessa Ferreira, Vasco Costa, Vicente Gil, Virgínia Silva

um espetáculo
ACE Teatro do Bolhão
coprodução
Festival DDD – Dias da Dança
TNSJ
apoio
23 Milhas – Ílhavo

dur. aprox. **1:05**
M/12 anos

estreia

Teatro Nacional São João
11-13 maio 2018
sex **22:00** sáb **19:00** dom **17:00**

FESTIVAL DDD · DIAS DA DANÇA · 2018

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

O TNSJ É MEMBRO DA
UNIÃO TEATROS EUROPA

Palácio do Bolhão
ACE
Teatro do Bolhão